



## VARIÁVEIS SOCIAIS E CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO E ESTRUTURAS PASSIVAS NA COMUNIDADE RURAL DO 3º DISTRITO DE NOVA FRIBURGO-RJ

### SOCIAL VARIABLES AND NUMBER AGREEMENT IN PREDICATIVES AND PASSIVE STRUCTURES IN THE RURAL COMMUNITY OF THE 3RD DISTRICT OF NOVA FRIBURGO-RJ

Jaqueline de Moraes Thurler Dália<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho analisa as variáveis sociais implicadas na variação da concordância nominal de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas na comunidade linguística rural do 3º Distrito de Nova Friburgo. Parte-se da hipótese de que o processo de transmissão linguística irregular de tipo leve, que esteve presente em grande parte do país, também foi vivenciado no município, especialmente, se se levar em conta que o contato linguístico, apesar de intenso, não deixou resquício dos substratos. Tal comunidade apresentaria, então, valiosas amostras das consequências de um outrora multilinguismo e também dos processos atuais que vêm favorecendo a mudança nos padrões linguísticos do português popular rural. O *corpus* da pesquisa foi construído com base em 35 entrevistas realizadas com 16 homens e 19 mulheres, de duas gerações – 14 trabalhadores e trabalhadoras, entre 35 e 55 anos; e 21 jovens, entre 14 e 19 anos, filhos e filhas desses agricultores. Foram considerados relevantes para a concordância nominal os seguintes fatores sociais: geração; gênero; participação em associação de agricultores; ocupação de cargo em comunidades de prática. Observou-se que: a frequência geral de emprego da concordância ficou em 28,3%; a geração entre 14 e 19 anos, também mais escolarizada, empregou as regras em 41%, das construções, enquanto a geração de pais e mães as empregou em 14,2% dos casos; o papel social das mulheres motivou o incremento das regras, visto que elas apresentam pluralizações plenas em 38,1% dos casos e os homens em 19,5%; as meninas, mais vinculadas a atividades exógenas, empregaram o plural em 59% das ocorrências; a desvinculação do falante dos grupos mais identitários impulsionou o distanciamento das normas locais, haja vista a frequência de concordância de 35,6%, entre os não participantes da associação e a de 25,6% entre seus membros; contudo, o exercício de lideranças nas comunidades de prática beneficiou (30,6%) o vínculo do falante às formas de prestígio.

**Palavras-chave:** português popular rural; variável social; concordância de número.

**Abstract:** The work present the social variables of the variation of number agreement in predicates and in passive structures in the rural linguistic community of the 3rd District of Nova Friburgo. The hypothesis is that the process of irregular linguistic transmission of a light type, which was present in a large part of the country, was also experienced in the city, especially if one takes into account that the linguistic contact, despite being intense, did not leave any traces of the substrates. The community would then present valuable samples of the consequences of a former multilingualism and also of the current processes that have been favoring the change in the linguistic patterns of rural popular Portuguese. The research *corpus* was built with 35 interviews conducted with 16 men and 19 women, from two generations - 14 male and female workers, from 35 to 55 years old; and 21 young people, from 14 to 19 years old, sons and daughters of these farmers. The following social factors were considered for the agreement process: generation; gender; participation in a farmers' association; occupation of leadership in communities of practice. It was observed that the general frequency of use of agreement in predicatives and passives was 28.3%. The generation

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal Fluminense (IFF), *Campus* Avançado Cambuci, Cambuci, RJ, Brasil. [jaqueline.dalia@iff.edu.br](mailto:jaqueline.dalia@iff.edu.br).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3105-1188>

between 14 and 19 years old, also with more schooling, used the standard rules in 41% of the constructions, while the parents in 14.2%. The social role of women in the community led to an increase in the norms, since they present full pluralizations in 38.1% of the cases and men in 19.5%. The girls, more linked to exogenous activities, used the rules in 59% of the cases. The disconnection of the speaker from the most identity groups moved them away from local norms, given the frequency of pluralizations of 35.6% among non-participants and 25.6% among its members. However, the exercise of leadership in the communities of practice benefited a little (30.6%), the speaker's bond with forms of prestige.

**Keywords:** rural portuguese; social variable; number agreement.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo da mudança em progresso de uma língua, segundo Labov (2008[1972], p. 193), é composto por três problemas distintos, a saber: o da transição, que objetiva encontrar os estágios de evolução linguística; o do encaixamento, que busca relacionar o comportamento social e o linguístico; e o da avaliação, que procura identificar os correlatos subjetivos da mudança (e da variação). Este trabalho está centrado particularmente em um dos aspectos do encaixamento: a mudança “encaixada num complexo social” (Labov, 2008[1972], p. 326). Seu objetivo, portanto, é discutir as variáveis sociais<sup>2</sup> implicadas na variação da concordância nominal de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas na comunidade linguística rural do 3º Distrito de Nova Friburgo-RJ. A localidade se caracteriza como grande produtora de gêneros alimentícios do Rio de Janeiro, composta por pequenas propriedades de produção familiar, situada entre esse município e Teresópolis, distante a, aproximadamente, 160 km da capital do estado.

Ancorando-se na Teoria da Transmissão Linguística Irregular (LUCCHESI; BAXTER, 2009), parte-se do pressuposto que: (i) o contato entre as línguas africanas e indígenas e a portuguesa, ocorrido no período colonial e durante todo o contexto de escravidão, foi determinante na concretização do português brasileiro; e que (ii) tal contato apresentou níveis distintos e, conseqüentemente, processos diferentes de aquisição da língua alvo por parte, principalmente, dos povos aqui subjugados. Em cenários de contato mais intenso, “a gramática da variedade linguística que se forma (...) é constituída basicamente por elementos exógenos” (LUCCHESI, 2012, p. 58). Já nos casos mais leves, os mais comuns no país, “os elementos gramaticais da língua do grupo dominante suplantam eventuais processos embrionários de gramaticalização ou de transferência de substrato” (LUCCHESI, 2012, p. 58). Daí a explicação por não se encontrar no Brasil uma língua crioula, como se vê, por exemplo, na América Central.

Esse processo afetou significativamente os mecanismos morfológicos de concordância verbal e nominal da língua adquiridos e compartilhados – de modo defectivo, uma vez que foram violentamente impostos – por povos originários e africanos escravizados. Para muitos autores (LOPES, 2015; BRANDÃO, 2011; LUCCHESI, 2015, entre outros), é aí que repousa a maior carga de estigmatização e de preconceito (sócio)linguístico no país, pois o não emprego das regras de concordância está

---

<sup>2</sup> Os resultados da análise de variáveis linguísticas já foram sistematizados em trabalho anterior (DÁLIA, 2021a). Em síntese, concluiu-se que o Princípio da Coesão Estrutural condiciona os processos de concordância na comunidade, pois: numa sentença, quando sintagmas nominais sujeitos e verbos apresentaram concordância, o mesmo ocorreu em 76% dos predicativos/passivas; a não pluralização em sujeitos e verbos fez a marcação zero ser categórica em predicativos/passivas; as marcas de número em predicativos/passivas aumentaram com a utilização de sujeitos pronominais ou ocultos, como estratégia de transparência semântica; o emprego do quantificador “tudo” bloqueou a coesão e fez a marcação de plural em predicativos/passivas cair a 7%; quando não houve concordância de gênero entre sujeito e predicativos/passivas, a pluralização destes não chegou a 11%.

socialmente vinculado a grupos historicamente discriminados na sociedade brasileira. Tais marcas podem ser observadas com mais nitidez em comunidades rurais mais isoladas (LUCCHESI, BAXTER e RIBEIRO, 2009), nas quais as condições históricas, geográficas e sociais contribuíram para que as relações sociais se mantivessem multiplex<sup>3</sup> (BORTONI-RICARDO, 2011) por muito tempo e onde o aparato estatal, como a estrutura educacional e os meios de comunicação, demorou a chegar ou se instalou de forma insuficiente (LUCCHESI, 2015), diferentemente do que ocorreu nos grandes centros urbanos, onde a maioria das redes interpessoais é uniplex<sup>4</sup> (BORTONI-RICARDO, 2011) e o acesso ao sistema de serviços se deu há mais tempo de forma mais sistemática.

No tocante a Nova Friburgo, este foi o primeiro município do Brasil a implantar um projeto de colonização de povoamento. A proposta partiu, em 1817, da Suíça, que vivia uma severa crise social e de mercado (MAYER, 2003). Poucos anos mais tarde, o processo colonial e o contato linguístico ganharam mais corpo com a vinda de imigrantes alemães. Contudo, embora, na história de Nova Friburgo, tenha se criado o mito da Suíça Brasileira (ARAÚJO, 2003), a cultura de imigração portuguesa e escravista já estava antes estabelecida, como o foi em grande parte do território brasileiro. A região fora ocupada, no início dos oitocentos, por sesmarias distribuídas a migrantes de procedência mineira e origem lusitana. Lisboa (2003, p. 81) afirma que a cidade “apresenta características culturais, institucionais e arquitetônicas muito mais próximas da sociedade cafeeira e escravista, que caracterizou o Brasil do séc. XIX, do que de uma colônia de imigrantes suíços e alemães”.

Ao que parece, essas eram também as condições de onde mais tarde se situaria o 3º Distrito. Em suas pesquisas sobre o Barão de Nova Friburgo (1795-1869), português e um dos maiores escravagistas da região, Marretto (2018) constatou a presença de fazendas de mão de obra escrava nesse território. O fato é ratificado, segundo Frazão (2020), pelo Censo de 1872, que registrou um contingente de estrangeiros lusos e de escravizados em torno de 20% da população que habitava aquela área. Deduz-se ainda, pela maioria das famílias ali presentes e pelo seu patrimônio material e imaterial, que a presença portuguesa tenha sido preponderante na organização social da comunidade, embora se saiba da descendência suíço-alemã de alguns habitantes.

Diante disso, tem-se como hipótese que o processo de transmissão linguística irregular de tipo leve, que esteve presente em grande parte do país, pode também ter sido vivenciado em Nova Friburgo, especialmente, se se levar em conta que o contato linguístico, apesar de intenso, não deixou resquício dos substratos. Seu território rural apresentaria, então, valiosas amostras das consequências de um outrora multilinguismo suplantado pelo português e também dos processos atuais que vêm favorecendo a mudança nos padrões linguísticos do português popular rural. A análise dos processos de concordância nominal nessa comunidade se torna, por isso, muito profícua.

O *corpus* da pesquisa foi construído com base em 35 entrevistas das quais participaram 16 homens e 19 mulheres, de duas gerações – 14 trabalhadores e trabalhadoras rurais, entre 35 e 55 anos; e 21 jovens, entre 14 e 19 anos, filhos e filhas desses agricultores, todos nascidos no 3º Distrito de Nova Friburgo. As transcrições foram

---

<sup>3</sup> As redes sociais multiplex se caracterizam pelo vínculo diversificado estabelecido entre as mesmas pessoas (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 92). Em áreas rurais, por exemplo, é comum que colegas de trabalho sejam também vizinhos, parentes e estabeleçam variadas relações, inclusive hierárquicas, em outras organizações sociais.

<sup>4</sup> Já as redes uniplex se definem pelo contato unilinear entre duas pessoas (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 92). Nas zonas urbanas, é comum o estabelecimento de um único vínculo entre sujeitos, como, por exemplo: prestador de serviço/contratador de serviço; empregador/empregado; vizinhos, colegas de trabalho ou de escola, apenas, etc.

adequadas às especificações ortográficas do *Projeto Vertentes*<sup>5</sup>, o que tornou o material mais coerente com o de outras pesquisas que também tomaram o português rural como fonte de investigação. Em seguida, deu-se a busca por predicativos do sujeito e estruturas passivas pluralizáveis. Todos os fenômenos selecionados passaram, então, por uma verificação oitiva e foram isolados para que pudessem ser apurados. Por fim, os dados recolhidos foram quantificados com o auxílio do programa estatístico multivariado Goldvarb (GUY; ZILLES, 2007).

Tais reflexões se organizam neste artigo da seguinte maneira: na seção 2, são apresentados os critérios de seleção das ocorrências analisadas no *corpus* e o quadro geral do emprego da concordância em predicativos e estruturas passivas na comunidade pesquisada, além de sua contextualização no cenário sociolinguístico nacional; na seção 3, são descritas todas as variáveis controladas, para, então, discutirem-se as hipóteses e os resultados estatisticamente mais relevantes; por fim, a conclusão do estudo é apresentada.

## **2. A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO E EM ESTRUTURAS PASSIVAS DO 3º DISTRITO DE NOVA FRIBURGO NO CENÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO BRASILEIRO**

Ao analisar a realidade sociolinguística brasileira, Lucchesi (2015, p. 33) propõe uma polarização desse cenário, na qual, em uma extremidade, encontra-se a norma culta dominada pela “elite letrada” e, na outra, posiciona-se a norma popular, utilizada pela “população socialmente marginalizada”. Tal *continuum* se baseia na noção de norma sociolinguística, que compreende seus polos, não apenas nas oposições de comportamento linguístico, mas também pela avaliação que cada segmento social faz dos usos da língua e pela maneira com que a mudança linguística se propaga nesses grupos alicerçada em seus julgamentos.

Levando em conta ainda o modelo de *continuum* de Bortoni-Ricardo (2011), que se ancora nos vetores de urbanização, letramento e monitoramento estilístico, Lucchesi (2015) intersecciona as duas propostas. Desse modo, em um limite, estariam os falantes da norma culta, moradores dos grandes centros urbanos, com alta escolaridade e vasto repertório linguístico; em outro, os falantes da norma popular de base oral, habitantes de comunidades rurais isoladas, com reduzida variação estilística; e entre os dois pontos, há uma diversidade de níveis intermediários, que ainda não se esgotou.

A norma popular, por sua vez, apresentaria uma subdivisão no eixo rural-urbano, “o português popular rural e o português popular urbano das grandes cidades brasileiras” (LUCCHESI, 2015, p. 218). Em relação à primeira, tem-se como escala: o português afro-brasileiro – das comunidades rurais afrodescendentes mais isoladas; o português popular rural – de comunidades rurais de pequenos municípios do interior; e o português popular urbano do interior – dos habitantes interioranos que já incorporam modelos urbanos. No que se refere à segunda, encontram-se: o português popular urbano do interior – falado nas áreas urbanas das cidades do interior de porte maior; o português popular urbano das grandes cidades – dos moradores da periferia urbana migrantes e/ou descendentes de migrantes da zona rural; e o português popular urbano das grandes cidades.

Em todos os níveis, há uma forte pressão da norma culta, motivada pelos meios de comunicação, pelos processos crescentes de urbanização e de educação e pela avaliação linguística, que estigmatiza a norma popular. Ela atua e se manifesta no

---

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave\\_de\\_transcricao.pdf](http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf).

processo de nivelamento linguístico de forma gradual na subdivisão do português popular rural, primeiramente, no português popular rural do interior, depois no português popular rural e, por último, no português afro-brasileiro. Já a variação e a mudança linguísticas motivadas pelo contato podem ser mais bem percebidas e verificadas na ordem contrária da subdivisão, quer seja: no português afro-brasileiro, seguido do português popular rural e do português popular rural do interior (LUCCHESI, 2015).

Tais processos podem ser percebidos por meio de análises qualiquantitativas de aspectos morfosintáticos variáveis em amostras de fala (LUCCHESI, 2015). Por isso, aferir a variação em concordâncias nominais e verbais é tão substancial para a descrição do quadro sociolinguístico brasileiro. No *corpus* investigado, foram encontrados 223 casos de predicativos do sujeito (Ex.1) ou de estruturas passivas relacionadas ao sujeito (Ex. 2) suscetíveis à pluralização, como nos exemplos abaixo:

- (1) Eles são mais devoto.
- (2) nós fomos convidado pra ir num casamento.

A análise contou, inicialmente, com uma avaliação binária entre aplicação ou não da regra de concordância nominal de número nesses elementos, de acordo com este critério:

- (3) Ah, elas são muito simpáticas. – Concordância entre predicativo e sujeito.
- (4) os pasto aqui, com meu pai e meu irmão, era tudo roçado. – Ausência de concordância entre a estrutura passiva e o sujeito.

Das 223 ocorrências, 63 apresentaram o emprego pleno das regras de concordância, como se observa na Tabela 1:

**Tabela 1 – Frequência da concordância nominal de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense**

Aplicação da regra de concordância	Nº de ocorrências/Total	Frequência
Com concordância	63/223	28,3%
Sem concordância	160/223	71,7%

Fonte: DÁLIA, 2021a.

Esses números colocariam a comunidade em uma posição intermediária no *continuum* sociolinguístico do português brasileiro (LUCCHESI, 2015), haja vista que, no que tange à análise de predicativos e estruturas passivas, a polarização do cenário nacional pode ser esquematizada a partir dos seguintes marcos de investigações:

- a) uma concordância incidente – como se observou no português afro-brasileiro de comunidades isoladas do interior da Bahia, caracterizadas pelo contato linguístico intenso, nas quais o índice de marcação não passou de 1% (LUCCHESI, 2009); e, no português popular rural de outras comunidades do interior do estado baiano, cuja frequência foi de 4% (ANTONINO, 2015);
- b) uma concordância emergente – como se comprovou no português popular rural de Salvador, em que a marcação chegou perto de 15% dos casos (ANTONINO, 2012); e
- c) uma concordância variável muito próxima à estabilidade, na qual duas normas, a popular ou a estigmatizada e a culta ou prestigiada, encontram-se em coocorrência – como se verificou no interior de Santa Catarina, em que 43% dos eventos foram pluralizados (DIAS, 1996); e no português urbano da cidade do Rio de Janeiro, onde se encontrou uma frequência de 50% de marcação de número (SCHERRE, 1991).

Diante da frequência de 28,3%, o 3º Distrito friburguense se encontra em uma faixa mediana entre os dois polos da norma sociolinguística. Na escala do português popular, o percentual encontrado permite também compreender o vernáculo da comunidade como rural do interior, mas com fortes tendências de aproximação ao urbano interiorano ou ao rural das maiores cidades. As motivações sociais para isso serão daqui por diante debatidas.

### **3. AS MOTIVAÇÕES SOCIAIS DA VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO E EM ESTRUTURAS PASSIVAS NO 3º DISTRITO DE NOVA FRIBURGO**

Nesta investigação, levaram-se em conta os seguintes grupos de fatores em relação às variáveis sociais: (i) gênero; (ii) geração; (iii) escolarização, em que os falantes se distribuíram por três níveis de escolaridade: 1º Segmento do Ensino Fundamental (completo ou incompleto); 2º Segmento do Ensino Fundamental (completo ou incompleto); e Ensino Médio (em curso); (iv) aglomeração ou bairro rural onde o informante residia, garantindo que todo o território rural do distrito pudesse ser contemplado; (v) comunidade de prática religiosa; (vi) associação de moradores e agricultores da qual o entrevistado fazia parte; e (vii) ocupação de cargo ou função nesses grupamentos.

Como, no caso desta pesquisa, geração e escolaridade se sobrepuseram, foram feitas três rodadas com o programa *Goldvarb*: a primeira com todas as variáveis; a segunda excluindo a geração; e a terceira excluindo a escolaridade. Os resultados mostraram melhor nível de significância estatística<sup>6</sup> sem a variável escolaridade e tal rodada indicou, respectivamente, como relevantes na concordância nominal de número os seguintes fatores: geração<sup>7</sup>; gênero; participação em associação; ocupação de cargo/função em comunidade de prática. Estes serão, agora, descritos com mais detalhes.

#### **3.1. A variação geracional: uma mudança em progresso**

A primeira variável apontada como relevante foi a geração. Por meio dela, é possível detectar um processo de mudança linguística em progresso. Nesse quesito, de acordo com o resultado de outros estudos que também consideraram a relação entre faixa etária e concordância nominal de número (ANTONINO, 2015 e 2012; DÁLIA; LUCCHESI, 2021) e com o vivenciado na comunidade, esperava-se que o grupo de filhos e filhas das famílias entrevistadas apresentasse maior índice de emprego das regras de concordância do que seus pais e mães. A geração de jovens no Brasil também corresponde àquela com mais oportunidades de estudo, tendo, por isso, mais contato com ambientes letrados e mais acesso à norma culta. Essas experiências vêm oferecendo a ela incremento de repertório e maior consciência linguística, o que repercute em maiores condições de adequação aos inúmeros contextos interlocutórios e, por conseguinte, adaptação às

---

<sup>6</sup> O nível de significância corresponde ao nível de confiabilidade dos resultados. Nas ciências humanas, convencionou-se que o maior nível aceitável de significância indicado pelos programas estatísticos é de .050. Portanto, quanto mais próximo de .000, menor a probabilidade de se rejeitar estatisticamente as hipóteses testadas, ou seja, mais confiáveis são os resultados apresentados pelo software estatístico.

<sup>7</sup> Na rodada sem o quesito geração, o programa indicou escolaridade como relevante, mas com nível de significância maior.

normas sociais de diversos grupos, inclusive à norma padrão ou à norma culta<sup>8</sup> (às vezes coincidentes), extremamente bem avaliadas na sociedade brasileira (LUCCHESI, 2015; BAGNO, 2017; DÁLIA, 2021b). O resultado correspondeu, pois, à expectativa, como se vê na Tabela 2:

**Tabela 2 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo a geração do falante.**

Geração do falante	Nº de ocorrências / Total	Frequência	Peso Relativo
Geração 2 (Filhos/Filhas)	48/117	41%	.779
Geração 1 (Pais/Mães)	15/106	14,2%	.199
<b>TOTAL</b>	<b>63/223</b>	<b>28,3%</b>	

Nível de significância: .011

A frequência de ocorrências de predicativos e estruturas passivas com concordância apresentada pelos jovens, 41%, foi, praticamente, três vezes maior do que aquela exposta pelos mais velhos, 14,2%. Os pesos relativos confirmaram essa tendência uma vez que foram ainda mais expressivos do que as porcentagens – .779 para a geração 2 e .199 para a geração 1 –, o que denota forte probabilidade de sentenças construídas por aqueles exibirem marcações padrões de plural, enquanto as produzidas por estes demonstram poucas chances de pluralização plena. Em princípio, o resultado iria de encontro ao percebido por Dias (2000) e Scherre (1991), que detectaram um menor índice de aplicação das regras entre a geração mais nova em suas pesquisas, mas encontraria eco na investigação de Antonino (2015), que também revelou índices de emprego de concordância bem mais elevados entre os mais jovens.

Contudo, vale salientar que as três pesquisas traçaram intervalos etários bem distintos. Dias (2000) considerou as seguintes faixas etárias: 25 a 49 anos e mais de 50 anos. Já Scherre (1991) agrupou quatro faixas: 07-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; e 50-71 anos. Por fim, Antonino (2015) estabeleceu três conjuntos: 25-35 anos; 45-55 anos; e acima de 65 anos. Assim, a geração considerada mais jovem por Dias (2000) e as duas mais jovens elencadas por Antonino (2015) se aproximariam a de pais e mães desta pesquisa, ou seja, aquela que apresenta aqui menor escolaridade.

Outrossim, é importante destacar que nem todos os três trabalhos citados cruzaram informações entre nível de escolaridade e geração, mas, é possível afirmar que a escolarização da faixa etária considerada neste trabalho não corresponde fielmente àquela considerada por todas as outras pesquisadoras. Em todas os grupos etários considerados por Dias, a maior escolaridade (entre primário e colegial) favoreceu a concordância, ficando a maior frequência no grupo de mais de 50 anos com Ensino Médio (colegial). Todo o *corpus* de Antonino (2015) foi formado por analfabetos ou semianalfabetos, o que sugeriu uma mudança em curso na comunidade não motivada pela escolaridade. Já em Scherre, o padrão de emprego da concordância foi curvilíneo na faixa etária – com os falantes entre 25 e 49 anos apresentando maior frequência de concordância – e diretamente proporcional aos anos de estudo, não havendo, porém, o cruzamento dessas duas variáveis em seu trabalho.

No 3º Distrito de Nova Friburgo, a geração 2 era formada por alunos do Ensino Médio, muitos já concluintes, e a geração 1, majoritariamente, composta por informantes

<sup>8</sup> Entende-se aqui a norma padrão como um conjunto idealizado de regras normativas e impostas e a norma culta como a variedade da língua prestigiada socialmente, uma vez compreendida como o código mais usual adotado pela camada da população com alta escolaridade e vivência urbana. Em algumas situações, a norma culta pode corresponder às normatizações dos compêndios gramaticais, mas essa relação não é sempre, nem obrigatoriamente, verificada (cf. BAGNO, 2017, p. 307).

que só estudaram até o 1º Segmento do Ensino Fundamental. Tal relação dá ao conjunto de filhos/filhas maiores condições de usar regras linguísticas bem aceitas nas interações sociais e, em contrapartida, dá a ele também requisitos para avaliar em quais interações (como, quando e por que) esse procedimento é necessário, tanto para se associar a um grupo quanto para se distanciar dele. Portanto, pode-se afirmar que, nesta comunidade linguística rural, é nítida a coatuação das variáveis geração e escolarização, mesmo que esta última não tenha sido apontada como relevante pelo programa estatístico. Esse fato parece também não contrapor tão severamente os resultados das pesquisas de Dias e Scherre, uma vez que o acesso à escola também foi um forte favorecedor do emprego da concordância nominal de número nas comunidades linguísticas investigadas por elas.

### 3.2. A variação diagenérica: uma mudança em progresso liderada pelas jovens

Quanto ao gênero do falante, segundo análises já realizadas nesta e em outras comunidades (DÁLIA; LUCCHESI, 2021; ANTONINO, 2015; DIAS, 2000; SCHERRE, 1991; CARDOSO, 2015), a hipótese era a de que mulheres produzissem mais sentenças com concordância do que os homens, visto que, de um modo geral, elas vêm sistematicamente demonstrando uma orientação mais voltada às formas de prestígio – e aí se incluem o emprego dos mecanismos flexionais – do que eles. Os estudos de Dias (2000) indicaram que as mulheres catarinenses marcam o plural em predicativos e estruturas passivas em 47% das ocorrências, com PR de .57, enquanto homens o fazem em 38% dos casos, com PR de .42. A pesquisa de Antonino (2015) revelou que as baianas empregam a regra em uma frequência de 8% (o dobro da comunidade em geral!), com PR de .78, e os baianos, conseqüentemente, numa frequência de 1 %, com PR de .26. Por fim, Scherre (1991) demonstrou que as informantes cariocas também favoreceram o emprego das formas de prestígio em 57% das ocorrências e PR de .58 e os informantes apresentaram o movimento contrário, uma vez que sua incidência ficou em 38%, (bem abaixo da comunidade), e PR de .42. Os números desta pesquisa confirmaram a tese original, como se vê na Tabela 3, mas conclusões a respeito de questões sociais de gênero não podem ser tão simplistas, abstratas e generalizantes. Por isso, notar os arranjos locais é imprescindível para a compreensão dessa problemática.

**Tabela 3 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo o gênero do falante.**

Gênero do falante	Nº de ocorrências / Total	Frequência	Peso Relativo
Mulheres	40/105	38,1%	.634
Homens	23/118	19,5%	.380
<b>TOTAL</b>	<b>63/223</b>	<b>28,3%</b>	

Nível de significância: .011

As mulheres do 3º Distrito friburguense produzem sentenças predicativas/passivas com concordância nominal plena em 38,1% dos casos, enquanto os homens, em 19,5%. A frequência apresentada por elas é, praticamente, o dobro da exibida por eles, ratificada, ainda, pelo peso relativo de .634 para elas e .380 para eles. A variação diagenérica encontrada pode ser explicada pela organização social da comunidade e essa relação não pode ser desmerecida. Sobre isso, Eckert e McConnell (2010, p. 100-101) alertam para o fato de que “isolar gênero de outros aspectos da identidade social também conduz a generalizações prematuras até mesmo sobre concepções normativas a respeito de feminilidade e masculinidade”. As autoras ainda salientam que “o emprego abusivo de abstrações e generalizações disponíveis é encorajado por uma visão limitada de

teorização que visa aos relatos acerca de diferenças de gênero aplicáveis globalmente a mulheres e homens”.

A partir dessa preocupação, Dália e Lucchesi (2021), ao refletirem sobre a concordância nos SN deste mesmo vernáculo entre as mulheres, perceberam etnograficamente que: “as mães encaminhavam e supervisionavam a vida escolar dos filhos. Grande parte delas também era responsável pela administração da produção agrícola, como organizar notas e pedidos de mercadorias” (2021a, p. 235) e que as meninas conservavam “uma rotina maior fora da comunidade. Muitas faz[iam] cursos na zona urbana e mant[inham] trabalhos fora da agricultura, como em restaurantes e pousadas, o que as coloca[va] em contato direto com outras variedades da língua” (DÁLIA; LUCCHESI, 2021, p. 235), estas também ligadas aos centros urbanos, e com a experiência de vínculo uniplex. Já no tocante ao trabalho agrícola, não havia distinção entre gêneros, mas “cabia aos homens a responsabilidade do transporte de mercadorias, tanto na própria região como para a capital e outras cidades” (DÁLIA; LUCCHESI, 2021, p. 235). Diferentemente da maior parte das meninas, “a maioria dos meninos se mant[inha] mais ligada às atividades agropecuárias” (DÁLIA; LUCCHESI, 2021, p. 235). Assim, os autores concluíram que os homens mais velhos estariam mais refratários às influências externas e as mulheres mais expostas a elas e, conseqüentemente, à norma culta (DÁLIA; LUCCHESI, 2021, p. 236).

Tais questões ficam ainda mais evidentes quando são cruzadas as variáveis geração e gênero:

**Tabela 3.1 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo a atuação conjunta da geração e do gênero do falante.**

	Mulheres		Homens	
	Ocorrências	Frequência	Ocorrências	Frequência
<b>Geração 1</b>	8/51	16%	7/55	13%
<b>Geração 2</b>	32/54	59%	16/63	25%

O papel das meninas na implementação da mudança em progresso na comunidade de fala é patente. Quando olhadas separadamente, elas apresentam uma frequência de aplicação da regra de 59%, ou seja, maior do que aquela encontrada no português urbano carioca (SCHERRE, 1991) e mais do que o dobro da própria comunidade de fala. Diferentemente do que concluíra Dias (2000) – “não se pode deixar de mencionar que entre os mais jovens, o fator sexo influencia bem menos do que entre os mais velhos” (p. 224) –, aqui, o gênero é bastante representativo na geração 2, embora os intervalos etários e de escolarização das duas pesquisas sejam muito diferentes. Os números demonstram que a atuação conjunta não só das variáveis gênero e geração, mas também da escolaridade eleva a frequência da comunidade no que se refere à aplicação da concordância, uma vez que não há diferença significativa entre homens e mulheres mais velhos, mas há uma grande discrepância entre meninos e meninas e entre elas e suas mães.

### 3.3. As comunidades de prática e a (des)construção da identidade linguística

Outro quesito testado foi o engajamento dos entrevistados em comunidades de prática, ou seja, em grupamentos com finalidades coletivas e representações sociais. Segundo Severo,

O pressuposto por detrás da noção de comunidades de práticas é que através dessas práticas – envolvendo a questão da identidade – que a produção de significados sociais ocorre; tais significados são vinculados à linguagem. Trata-se, portanto, de espaços interacionais onde as identidades, tanto individuais como grupais, vão sendo construídas. É na comunidade de prática que as diferenças individuais são percebidas, recebem significado e são avaliadas; esses significados passam a ser compartilhados pelos membros dessa comunidade e são transportados para outras comunidades das quais aqueles membros também participam. E é o conjunto das comunidades de prática, em diferentes locais sociais, que constitui o grupo de práticas que são vistas como cultura de classe, cultura étnica, práticas de gênero, etc. (SEVERO, 2007, p. 8).

Battisti (2014) lança mão de uma observação feita por Labov (2008), que admite serem as redes sociais e a comunidade de prática duas forças motrizes de variação e mudança. A primeira, quando complexa e densa, como no caso da rede multiplex de comunidades rurais, preserva os falares. A segunda possibilita evocar distintas identidades e negociar status e valores sociais, incrementando ou regredindo a mudança. Daí, então, a necessidade de não se abstrair o *corpus* linguístico de suas práticas sociais para que seus reais significados e simbologias não sejam apagados ou isolados acriticamente na análise teórica (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010).

Na comunidade analisada, foram considerados os dois principais grupamentos da localidade, o religioso e o associativo, mas, neste caso, apenas o último foi indicado como relevante. Ponderando que associações de produtores/agricultores configuram alianças de sujeitos sociais com objetivos comuns e princípios de solidariedade, elevando o caráter de pertencimento dos membros do grupo (ECKERT, MCCONNELL-GINET, 2010), esperava-se que o emprego das regras aqui estivesse mais relacionado à identidade do que a formas forasteiras, ou seja, a hipótese era a de que a frequência de emprego das regras fosse menor no grupo participante das associações e que fosse maior no conjunto de não membros. O resultado, inicialmente, correspondeu ao esperado, mas a análise precisa ser aprofundada, pois os números não são tão óbvios, como se percebe na comparação entre frequências e PR:

**Tabela 4 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo a participação em associações de produtores.**

Participação em associação	Nº de ocorrências / Total	Frequência	Peso Relativo
Não participante	21/59	35,6%	.217
Participante	42/164	25,6%	.613
<b>TOTAL</b>	<b>63/223</b>	<b>28,3%</b>	

Nível de significância: .011

Aqui houve um problema de ortogonalidade nitidamente revelado no cruzamento dos dados entre geração e participação na comunidade de prática em questão, como se comprova na Tabela 4.1:

**Tabela 4.1 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo a atuação conjunta da geração e da participação em associações de produtores.**

	Não participante		Participante	
	Ocorrências	Frequência	Ocorrências	Frequência
<b>Geração 1</b>	0	0%	15/106	14%
<b>Geração 2</b>	21/59	36%	27/58	47%

Primeiramente, é preciso destacar que os entrevistados da geração 1 são, predominantemente, membros das associações, enquanto o conjunto de não participantes é formado, basicamente, pela geração 2. Nota-se que não houve nenhuma ocorrência de

predicativos/passivas pluralizados entre os informantes mais velhos que não participam das associações, ou seja, não houve emprego de concordância nominal de número em predicativos e estruturas passivas entre eles. Já os indivíduos dessa geração engajados na comunidade de prática apresentaram uma frequência de emprego da regra de 14%. O engajamento motiva os mais velhos, mas não favorece a implementação da regra na região como um todo, visto que a frequência corresponde à metade da encontrada na comunidade. Em se tratando dos mais novos, observa-se sempre uma frequência maior do que o total da comunidade, tanto entre não participantes quanto em participantes das associações, com um número bem mais significativo, 47%, no segundo caso. Daí se pode deduzir que o que beneficia o processo de implementação das regras de concordância de número não é, como já se esperava, apenas o empenho comunitário, mas sim a geração e a capacidade dela em adequar sua fala ao contexto enunciativo e de empregar regras linguísticas bem avaliadas. Nesse sentido, a prática de falas públicas e mais monitoradas, como acontece nas reuniões de associação, pode incentivar a implementação das regras entre os jovens. A investigação permitiu notar que, embora os grupamentos sejam organizados por moradores e interesses locais, é comum observar a presença de atores externos, como políticos e extensionistas rurais, em suas reuniões, o que pode provocar a vigilância e o controle vernacular naqueles que dispõem de mecanismos para tal. Tudo isso explica a discrepância entre pesos relativos e frequências. Junte-se ainda o interesse de alguns indivíduos em não vincular sua fala à identidade local, como já se observou, principalmente, na orientação das meninas da localidade para o prestígio (DÁLIA, 2021b). Essa situação pode ser mais bem compreendida na Tabela 4.2:

**Tabela 4.2 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo a atuação conjunta do gênero do falante e da participação em associações de produtores.**

	Não participante		Participante	
	Ocorrências	Frequência	Ocorrências	Frequência
<b>Mulheres</b>	17/34	50%	23/71	32%
<b>Homens</b>	4/25	16%	19/93	20%

O emprego das regras entre as mulheres que não participam da associação tem uma frequência maior, 50%, do que entre as participantes, 32%, confirmando, de forma estratificada, a hipótese inicial. Se comparadas aos homens, observa-se uma diferença ainda maior, já que, entre eles, os associados realizam a concordância de predicativos do sujeito e estruturas passivas em 20% das ocorrências – provavelmente motivada pela atuação dos jovens – e os não membros o fazem ainda menos, em 16% delas. Esses números analisados em conjunto com os demais resultados levam a crer que as meninas têm incrementado seu repertório e se vinculado, quando necessário em sua avaliação, a normas não locais mais do que os meninos em uma “articulação de múltiplos pertencimentos e formas de participação” (ECKERT, MCCONNELL-GINET, 2010, p. 105). A utilização do código vernacular da comunidade e o engajamento comunitário seriam fortes indícios de uma orientação para a identidade como se observa entre os homens mais velhos. Já entre as jovens, a atuação simultânea desses aspectos aponta para a ampliação das regras exógenas, mais vinculadas ao código de prestígio, demonstrando como é decisiva a atuação delas no processo de nivelamento sociolinguístico da comunidade em relação ao *continuum* sociolinguístico brasileiro (LUCCHESI, 2015).

Diferentemente do que se acreditava em relação à participação nas associações como um todo, esperava-se que o exercício de um cargo ou função em quaisquer comunidades de prática na região favorecesse o emprego das regras de concordância nominal de número. Para tanto, levou-se em conta que tais atividades – exercidas, por

exemplo, na tesouraria das igrejas e das associações, na presidência ou na coordenação desses agrupamentos, entre outras práticas – promoviam contatos linguísticos mais frequentes para além da comunidade local e, ainda, mais eventos enunciativos formais e públicos, fortes motivadores de monitoramento da fala. A expectativa foi correspondida:

**Tabela 5 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo ocupação de cargo/função em comunidade de prática.**

Cargo/Função em comunidade de prática	Nº de ocorrências / Total	Frequência	Peso Relativo
Com cargo/função	37/121	30,6%	<b>.619</b>
Sem cargo/função	26/102	25,5%	<b>.360</b>
<b>TOTAL</b>	<b>63/223</b>	<b>28,3%</b>	

Nível de significância: .011

Verificou-se que a atuação do informante com certa liderança nas comunidades de prática favoreceu a implementação da pluralização em predicativos e passivas na região, com frequência de 30,6% e PR de .619. Embora o favorecimento tenha sido tímido, um pouco mais de 2 pontos percentuais em relação ao total da comunidade, o cruzamento dos dados permite ratificar o que já vinha sendo percebido até então: a relação entre geração, escolaridade e gênero tem sido fundamental na mudança do cenário linguístico local.

Entre os mais velhos, o exercício de um cargo ou função impulsiona a aplicação das regras de concordância, mas não favorece a mudança do quadro geral da comunidade. Todavia, entre os mais jovens, aqueles com mais escolaridade, esse fator não interfere muito na frequência da concordância, como se observa na tabela 5.1:

**Tabela 5.1 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo a atuação conjunta da geração e da ocupação de cargo em comunidade de prática.**

	Com cargo/função		Sem cargo/função	
	Ocorrências	Frequência	Ocorrências	Frequência
<b>Geração 1</b>	10/53	19%	5/53	9%
<b>Geração 2</b>	27/68	40%	21/49	43%

Já no que se refere à atuação de homens e mulheres, comprova-se mais uma vez a influência delas no incremento das regras de concordância na comunidade:

**Tabela 5.2 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo a atuação conjunta do gênero do falante e da ocupação de cargo em comunidade de prática.**

	Com cargo/função		Sem cargo/função	
	Ocorrências	Frequência	Ocorrências	Frequência
<b>Mulheres</b>	25/55	45%	15/50	30%
<b>Homens</b>	12/66	18%	11/52	21%

A ocupação de cargos de liderança por mulheres favorece bastante o emprego da concordância de número, já que, nesse contexto, a frequência de pluralizações chega a 45% das ocorrências. Mesmo quando não exercem tais funções, a marcação de número entre elas é maior do que a frequência da comunidade como um todo, enquanto os homens apresentam sempre menos marcas, não havendo grande influência da variável na frequência. A exposição social trazida por essas funções talvez explique a mudança nos padrões linguísticos delas e, ao mesmo tempo, a manutenção da identidade entre eles, já

que, principalmente, os mais velhos estão mais reativos à normas externas e impostas de cima para baixo e de fora para dentro. Tal ação promoveria, portanto, a manutenção solidária do vernáculo entre os homens, ou seja, garantiria o que Milroy e Milroy (1997) chamaram de *normatização vernacular* (DÁLIA; LUCCHESI, 2021, p. 241)

Por fim, a questão identitária parece definir a norma adotada pelos falantes da comunidade. Quando a liderança nas comunidades de prática e a participação em associações são confrontadas, observa-se que o emprego da norma padrão de concordância de número, a exógena, é bem maior entre aqueles que demonstram menos laços afetivos e sociais de engajamento mútuo do que entre os mais atuantes na comunidade:

**Tabela 5.3 – Aplicação da regra de concordância de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português rural fluminense segundo a atuação conjunta da participação em associações de produtores do falante e da ocupação de cargo em comunidade de prática.**

	Com cargo/função		Sem cargo/função	
	Ocorrências	Frequência	Ocorrências	Frequência
<b>Participante da associação</b>	21/72	29%	21/92	23%
<b>Não participante da associação</b>	16/49	33%	5/10	50%

Na Tabela 5.3, observa-se novamente que indivíduos participantes da associação de moradores e agricultores empregam sempre menos a regra do que os que não participam dela, com pouco favorecimento para aqueles que, apesar de não atuarem na associação, ocupam um cargo em outras comunidades de prática da região. Assim, nota-se a vinculação pelo vernáculo à identidade local, com um quase insignificante incremento das regras naquela fatia da população que ocupa cargos de liderança. Parece, então, que tal experiência reforça a identidade de grupo, ainda que seus líderes empreguem um pouco mais os mecanismos de pluralização. Já os que não participam da associação de moradores nem ocupam cargos de liderança nas comunidades de prática aplicam a regra em 50% das ocorrências. Os resultados apontam, então, para um mesmo nível de concordância entre esse grupo e os falantes da capital do estado. Em princípio, tal parcela da comunidade, que aparenta não partilhar muitos laços de engajamento mútuo, pode estar, por isso mesmo, desassociando sua fala a da comunidade linguística da qual, hipoteticamente, faria parte.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos números gerais encontrados nesta pesquisa, pode-se afirmar que a comunidade rural do 3º Distrito de Nova Friburgo se coloca em uma posição intermediária no *continuum* sociolinguístico brasileiro, no que se refere ao emprego da concordância nominal de número em predicativos do sujeito e em estruturas passivas. As polarizações desse intervalo são representadas, de um lado, pela quase completa ausência de pluralizações, como se observa na frequência de 1% detectada em comunidades isoladas do interior da Bahia; e, por outro, pela variação estável, com 50% de uso das regras de concordância, percebida, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro. Com frequência de 28,3%, a região friburguense se encontra, portanto, em uma faixa mediana entre esses dois polos.

Tais números ecoam também na média escalar das variedades potenciais da norma popular rurbana brasileira, esquematizada por Lucchesi (2015). Nesse escalonamento, o vernáculo da comunidade pode ser compreendido como o português popular rurbano do interior, com tendências de aproximação ao urbano interiorano ou ao rurbano das grandes

idades, especialmente, pela atuação das meninas na mudança linguística da localidade. Assim, parece estar havendo ali o início de um processo de atenuação dos reflexos do contato entre línguas e da transmissão linguística irregular de outrora, estando a norma culta atuando como força para um possível nivelamento linguístico (LUCCHESI, 2015). Essa pressão ocorre por conta da paulatina urbanização dos espaços e do modo de vida da população rural, do acesso à escolarização e aos meios de comunicação, da mobilidade social e do estabelecimento de redes sociais cada vez mais diversas, ou seja, redes mais esparsas e uniplex (BORTONI-RICARDO, 2011).

Esse processo pode ser percebido na análise das variáveis sociais que vêm favorecendo à implementação da concordância nominal de número em predicativos e estruturas passivas na comunidade. Em síntese, observa-se que nela: (i) há uma mudança em progresso, já que a geração entre 14 e 19 anos, também mais escolarizada, está empregando as regras em uma frequência de 41%, bem maior do que a de seus pais que é de 14,2%; (ii) o papel social exercido pelas mulheres, na região, também motiva o incremento dessa norma na comunidade, visto que elas, associando-se mais ao modelo de prestígio, apresentam pluralizações plenas em 38,1% dos casos investigados e os homens em 19,5%; (iii) a atuação conjunta das variáveis geração e gênero é preponderante na transformação do vernáculo local, pois as meninas, mais vinculadas a atividades exógenas e experimentando mais os vínculos uniplex, chegam a utilizar as regras em 59% das ocorrências, superando, inclusive, os modelos urbanos das grandes cidades e comprovando, assim, a pressão da urbanização, das redes sociais e da escolarização nesse processo; (iv) a desvinculação do falante dos grupos locais mais identitários, como a associação de moradores e agricultores, principalmente entre os mais jovens, também impulsiona o distanciamento das normas locais de concordância, haja vista a frequência de casos de pluralizações de 35,6%, entre os não participantes e a de 25,6% entre os membros desses grupamentos; contudo, (v) o exercício de alguma liderança nas comunidades de prática da região beneficia, mesmo que levemente, a associação do falante às normas de prestígio, especialmente, por conta da diversidade de relações sociais que a atividade proporciona.

Os dados aqui apresentados procuraram traçar um esboço inicial sobre a comunidade linguística rural do 3º Distrito friburguense. Outros estudos já foram apresentados sobre a região, tanto no que diz respeito à estrutura linguística quanto à social, neste e em outros processos de concordância nominal. Todavia, muito ainda deve-se avançar: em outros aspectos da língua, procurando uma descrição mais completa; e na análise etnográfica, especialmente, para superar o binarismo de gênero tão comum nos estudos sociolinguísticos e tão caro às comunidades tradicionais. Enfim, não se pode contentar com esses primeiros delineamentos e, certamente, aprofundamentos virão, mas já se pode afirmar que a norma local de não emprego das regras de concordância, fruto da transmissão linguística irregular e que caracterizava o português rural dessa comunidade, está em processo de mudança.

---

## REFERÊNCIAS

- ANTONINO, Vivian. O português popular do interior do estado da Bahia: um estudo da concordância nominal de número e de gênero. *Cuadernos de la ALFAL*, Niterói, n. 7, p. 53-67, março 2015.
- ANTONINO, Vivian. *Português popular de Salvador: uma análise da concordância nominal em predicativos e em estruturas passivas*. 2012. 190f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: o processo de urbanização da suíça brasileira (1890-1930)*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1992.

- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In.: FREITAG, Raquel Meister Ko. (org.) *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v.15, n.1, p.164-178, 2011.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 1035-1064, 2012.
- DÁLIA, Jaqueline de Moraes Thurler; LUCCHESI, Dante. A variação na concordância de número no sintagma nominal no português rural da serra fluminense: deriva ou contato? *Revista Gragoatá*, Niterói, v.26, n. 54, p.217-251, Jan./Abr. 2021.
- DÁLIA, Jaqueline de Moraes Thurler. O Princípio da Coesão Estrutural na variação da concordância nominal de número em predicativos do sujeito e estruturas passivas do português rural fluminense. *Revista Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 15, n. 02, p. 152-169, Jul./Dez. 2021a.
- DÁLIA, Jaqueline de Moraes Thurler. Avaliação subjetiva, comportamento linguístico e variação na concordância nominal de número em uma variedade do português rural fluminense. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 23-46, Jan./Jul. 2021b.
- DIAS, Juçá Fialho Vazzata. *A concordância de número nos predicativos e participios passados na fala da Região Sul: um estudo variacionista*. 1996. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- DIAS, Juçá Fialho Vazzata. A concordância de número nos predicativos/participios passados na fala Sul do Brasil: motivações extralinguísticas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, nº1, p. 209-228, Março de 2000.
- ECKERT, Penélope; MCCONNELL, Sally. Comunidade de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (org.). *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- FRAZÃO, Gabriel Almeida. Um negociante das “Terras Frias”: uma análise das estratégias de aquisição fundiária do português Antonio José Mendes (Nova Friburgo, 1860-1914). *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 59-82, jan/abr. 2020.
- Guy, Gregory Riordan; Zilles, Ana Maria Stahl. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- LISBOA, Edson de Castro. Café e escravidão em Nova Friburgo no Século XIX. In: ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel. *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, p. 79-106, 2003.
- LOPES, Norma da Silva. O mecanismo da variação da concordância no português: observações quanto a marcas nos verbos e nos nomes. *Estudos da língua(gem)*, Vitória da Conquista, v.13, n.2, p.59-72, dez.2015.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, Dante. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de linguística galega*, n. 4, p. 45-65, 2012.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-basileiro*. Salvador: Edufba, 2009.
- LUCCHESI, Dante. A concordância em estruturas passivas e de predicativos do sujeito. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 373-388.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 101-124.
- MARRETTO, Rodrigo Marins. *A escravidão velada: senhores e escravos na formação da Vila de São João Batista de Nova Friburgo (1820-1850)*. Rio de Janeiro: Revan, 2018.
- MAYER, Jorge Miguel. A criação de Nova Friburgo. In: ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel. *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.
- MILROY, Lesley; MILROY, James. Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model. *Language in society*, Cambridge, n. 21, p. 1-26, 1992.
- NARO, Anthony; SCHERRE, Marta. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

SCHERRE, Marta. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos, *Organon*, Porto Alegre, v. 18, p. 52-70, 1991.

SCHERRE, Marta. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. 554f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

Recebido: 18/5/2022

Aceito: 27/3/2023

Publicado: 30/3/2023